



# ENCONTROS **DEMOCRÁTICOS** CICLO DE DEBATES

## **LONGEVIDADE AMPLIADA**

Expectativa de vida mais longa  
traz oportunidades, mas também riscos

Palestra de  
**ROBERTO MACEDO**



**Encontros Democráticos** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

## “ESTAMOS VIVENDO MAIS. MAS ISSO TEM PREÇO”

**A** rápida escalada da expectativa de vida e o aumento da população idosa trazem questões para a sociedade e para as famílias que precisam ser encaradas de frente o mais cedo possível. Esse foi o recado do economista Roberto Macedo no Encontro Democrático realizado em outubro de 2019, com o tema “A Longevidade ampliada: oportunidades e riscos”.

Coordenado pelo jornalista Sérgio Rondino, o encontro teve a participação do cientista político Rubens Figueiredo e do médico Antônio Roberto Batista, além de lideranças do partido como a coordenadora nacional do PSD Mulher, Alda Marco Antonio, e o deputado estadual do PSD de São Paulo, Alex Madureira.

Roberto Macedo, que é doutor em economia pela Universidade de Harvard e foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, destacou que a ampliação da longevidade é uma tendência observada no Brasil e no mundo, o que tem colocado em xeque os sistemas de previdência pública, exigindo novas soluções. Para ele, “a longevidade ampliada seria uma bênção ao abrir oportunidades quanto ao que fazer no tempo de vida adicional, mas ela também pode levar a uma condição abominável, em uma idade em que a pessoa já não tem como reverter as dificuldades, em particular os riscos financeiros e as doenças”.

Boa leitura.



**SÉRGIO RONDINO:** Estamos reunidos mais uma vez para um Encontro Democrático, que hoje vai tratar da questão da longevidade. Uma recente projeção do IBGE mostra que, ao nascer, a expectativa de vida média do brasileiro é de 76 anos. Para quem já chegou aos 70, esse número sobe ainda mais, para 85. São gerações que se beneficiam da evolução da medicina e de melhores condições de vida, inclusive das taxas cada vez menores de mortalidade infantil. Com as boas notícias, no entanto, vêm as grandes oportunidades e também os riscos.

Esse é o tema do nosso encontro de hoje, que tem como palestrante o professor Roberto Macedo. Ele é economista pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Universidade de São Paulo, doutor em Economia pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e já foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Roberto mergulhou nesse tema da palestra a partir da experiência pessoal com sua mãe, que faleceu aos 102 anos. Eu conto também com a participa-

ção dos nossos colaboradores do Espaço Democrático, o cientista político Rubens Figueiredo e o médico Antônio Roberto Batista, também filósofo. Os dois vão colaborar com as observações ao final da exposição. E, claro, os senhores terão a oportunidade de levantar questões para o palestrante, é só indicar que está disposto a fazer perguntas. Professor Roberto Macedo, a palavra é sua.

**ROBERTO MACEDO:** Como o Rondino disse, minha experiência no tema me foi dada pela longevidade da minha mãe, que chegou aos 102 anos. Longevidade quer dizer vida longa - no mundo, e no Brasil, a tendência é de ampliação dela. A crise da previdência pública é, em parte, causada pela ampliação da longevidade e das regras frouxas na concessão de benefícios. A longevidade teve um impacto grande na Previdência Social. A grande maioria das pessoas quer viver mais - todo mundo quer viver mais. Assim, a longevidade ampliada é uma bênção ao abrir tempo adicional, gerar oportunidades sobre o que fazer no tempo de vida

...É PRECISO SE PREPARAR PARA ESSA FASE AINDA NA JUVENTUDE. RECOMENDO QUE AS PESSOAS PENSEM LÁ NA FRENTE PORQUE O TEMPO PASSA DEPRESSA. ESSA É UMA EXPERIÊNCIA QUE EU TENHO. EU VOU EXAGERAR UM POUCO, MAS HÁ QUEM DIGA QUE "A VIDA É UM RAIOS DE LUZ ENTRE DUAS NOITES MUITO ESCURAS". EU SEI QUE A MINHA, POR EXEMPLO, PASSOU RÁPIDO, E EU SEI QUE PASSA TANTO MAIS RÁPIDO QUANTO MAIS OCUPADO VOCÊ ESTIVER".

adicional. Mas ela também envolve muitos riscos, que podem levar a uma situação abominável. Quer dizer, chegar no final da vida e estar numa situação complicada por vários problemas, em particular o financeiro, numa época em que, já idosa, a pessoa não tem como reverter. Se você não fez poupança, não vai poupar a partir da longevidade; é realmente difícil.

Eu conheço várias famílias que tiveram problemas sérios nessa fase da vida. Então, ressalto os riscos financeiros e as doenças, potencializadas pela própria longevidade. O que levou à maior longevidade foram duas coisas básicas: as melhores condições de saneamento, condições de vida em geral, e também os avanços da medicina. E um dos grandes problemas que existem, e todo mundo está percebendo, é que os preços dos planos de saúde estão subindo muito. Lá na USP (*Universidade de São Paulo*) não existe mais aumento de salário, nem de aposentadoria. O plano está subindo 16% ao ano e, no fim, eu acho que vou ter de ir para o Iamspe, que é o Instituto de Assistência Médica do Servidor Público Estadual - inclusive está aumentando a demanda pelo Iamspe porque o plano de saúde está muito caro.

Então, é preciso se preparar para essa fase ainda na juventude. Recomendo que as pessoas pensem lá na frente porque o tempo passa depressa. Essa é uma experiência que eu tenho. Eu vou exagerar um pouco, mas há quem diga que "a vida é um raio de luz entre duas noites muito escuras". Eu sei que a minha, por exemplo, passou rápido, e eu sei que passa tanto mais rápido quanto mais ocupado você estiver.

E como a gente lê a longevidade? Nas tábuas do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), em 2015 a expectativa de vida das mulheres era pouco maior que 79 anos e dos homens de quase 72. Uma pessoa com 30 anos, em 1991, tinha a expectativa de viver até 68,5 anos se fosse homem e 74,2 anos se fosse mulher. Já em 2015,

1975



esta mesma pessoa já teria 55 anos e tinha uma expectativa de vida maior: 78,9 anos se homem e 83 se mulher. A cada ano que o IBGE estima a expectativa de vida, ela sobe cerca de três meses. A cada quatro anos, sobe um ano, e assim por diante. No ano que vem já teremos outra tabela, porque deve aumentar.

Vou dar outro exemplo com base na comparação de dados de 1940 e 2017. Em 1940, ao nascer, esperava-se que os homens vivessem apenas 42,9 anos e as mulheres, 48,3. Mas aí, 75 anos depois, em 2015, ao nascer a expectativa de vida de um homem era de 72,5 anos e de uma mulher 79,6. A longevidade demonstrada nesses números é o que está por trás da crise da Previdência brasileira. É o envelhecimento da população associado às regras frouxas de benefício. Nós estamos praticamente em 2020 e a população com 60 anos ou mais é de 29,3%. Daqui até 2030, mais 10 anos, a população com mais de 60 será de 41,5%.

Qual é o perfil da longevidade hoje? Todos os anos eu participo de um evento de planejadores financeiros, uma sociedade à qual pertencço. E assisti à palestra de uma senhora que falou que o padrão mudou. Antigamente havia um declínio a partir dos 60 anos até o falecimento, por volta dos 80 anos. Agora, as pessoas mantêm as condições de vida até por volta dos 100 anos, como aconteceu com a minha mãe.

2014



Eu encontrei essas imagens na internet. São quatro moças que, desde 1975, tiram uma foto todos os anos. E vejam a comparação entre duas fotos, tiradas com 40 anos de diferença entre uma e outra. Mostram que a longevidade está aumentando porque não houve uma deterioração tão forte como aconteceu, por exemplo, com a família do meu pai. Na primeira foto elas devem ter 25 ou 30 anos; na outra, quase 40 anos mais.

Há, na literatura, algumas comparações interessantes e vou usar aqui uma que mostra que o padrão tradicional da expectativa de vida era assim: a pessoa terminava a escola aos 25 anos, concluía o ensino superior, depois trabalhava até 60 anos e a aposentadoria ia até os 80. Na visão moderna, com o aumento da longevidade, há uma mudança na faixa de aposentadoria, que não se dá mais aos 60. Se você tem hoje uma idade próxima de 80 anos, a sua expectativa de vida é de 90. Importante dizer que a expectativa de vida é uma média: tem gente que vai morrer antes e tem gente que vai morrer depois. Essa coisa de mortalidade é um pouco darwiniana, porque vão sobrevivendo os que têm melhores condições.

Vamos falar agora sobre as oportunidades. O que fazer dos anos de vida adicionais? Podem ser vividos em boas condições de saúde, se a pessoa for bem cuidada e a herança genética ajudar. Há gente que tem problemas de herança genética.

Há um livro que mencionarei em seguida que propõe opções para reduzir os riscos da longevidade.

Não parar de trabalhar, por exemplo, na mesma carreira ou não. Está cientificamente provado que parar de trabalhar prejudica a saúde física e mental. Conversando com um amigo de Minas Gerais, ele disse: “Se parar de trabalhar, primeiro vem o paletó de flanela e depois o de madeira”.

Outra é usar a experiência adquirida para a atividade empresarial ou se associar a uma já em andamento. Há também o trabalho voluntário. Eu tenho procurado seguir. Sou um dos professores mais precocemente aposentados da USP - contei o meu tempo de bancário, me aposentei com 48 anos de idade e continuei trabalhando. Atualmente estou montando uma nova faculdade na Associação Comercial. Isso me mantém alerta. Trabalho aqui com vocês no Espaço Democrático, com muita honra, e vou levando. Não pretendo parar nunca. Então, não fiquem parados. Se não tiver algum trabalho, invente. Eu não estou falando aqui em prática esportiva porque isso vale para qualquer idade, mas tem que se cuidar.

Na última vez que eu mudei de endereço aqui em São Paulo, há uns 10 anos, escolhi o imóvel considerando três aspectos: a proximidade de uma linha de metrô, de um clube e de uma zona hospitalar. Aquela área do Sírio Libanês, Nove de Julho, Beneficência e Hospital Alemão. Moro vizinho de um clube, a estação do metrô foi inaugurada no ano passado e com base nela até voltei a dar aulas como voluntário na USP, que está com dificuldades para encontrar professores. Voltei para ajudar. Para vocês terem ideia, o Departamento de Economia chegou a ter mais de 100 professores, hoje tem perto de 40. Não fossem os 20 voluntários, não teria condições de oferecer o curso. Então, não pare. Essa é a regra básica: se não tiver nenhum trabalho, invente alguma coisa.

Há uma série de riscos e vamos falar sobre isso. Risco é o seguinte: você tem muitas incertezas

quanto ao futuro. Por exemplo, um agricultor fica naquela incerteza - vai chover, não vai chover. Isso é incerteza. Agora, se o excesso de chuva ou a escassez dela pode causar um prejuízo, aí se chama risco. Quer dizer, ele enfrenta a incerteza e o risco. Para nós, não tem maior inconveniente se vai chover ou não, mas para o agricultor aquilo é fundamental. Os riscos da longevidade estão se materializando no momento. Um é a inflação não coberta de forma satisfatória pelo reajuste de rendimentos. Na USP, por exemplo, não tem mais reajuste. Eu não contava com isso, então é mais uma razão para continuar trabalhando.

A própria longevidade pode durar mais que os recursos financeiros disponíveis. Isso ocorre muito com quem não fez plano de aposentadoria. Antigamente era muito comum a pessoa comprar casas e depois ir vendendo.

As taxas de juros em queda, afetando negativamente o rendimento financeiro, são outro problema. Nos Estados Unidos há gente em pânico porque os juros são muito baixos. Quem colocou o dinheiro em renda fixa - e aqui no Brasil tem muita gente em renda fixa, nos planos de aposentadoria privados -, se o juro cair... Aqui tínhamos juros de 10% ou mais no passado. Caiu agora - está em torno de 5,5% - e a perspectiva é a de cair mais. Perceberam? Você não sabe com o que pode contar.

O mercado de ações com mau desempenho é outro risco. Isso é muito importante nos Estados Unidos, porque o mercado de ações lá é mais importante que a renda fixa. Aliás, à medida em que você vai ficando idoso, é melhor você ficar em renda fixa. Porque no mercado de ações, e eu já operei nisso numa época, é bom entrar na baixa e sair na alta, e como idoso você pode precisar do dinheiro imediatamente e pode ser um período de baixa. É bom sempre ter uma reserva em renda fixa.

Há também o risco da interrupção do rendimen-



to de um fundo de pensão sustentado por empresa que foi à falência, como foi o caso da Varig, que deixou muita gente na mão. E também a dificuldade de obter emprego adicional para superar as carências de renda, que é a questão do emprego do idoso, uma coisa difícil.

Outro risco: as políticas governamentais com impactos sobre o rendimento, como ocorre atualmente com os servidores públicos brasileiros, estaduais e municipais, em face da carência de recursos para reajustes satisfatórios. E é bom lembrar que a reforma da Previdência está alcançando muita gente. Quem for se aposentar depois da reforma, em vez de ter o valor da aposentadoria calculado com base em 80% de seus rendimentos - os maiores, vai ter a conta sobre todos os rendimentos, o que faz a média cair - em geral se excluía os rendimentos mais baixos. A pensionista só vai ter 60% da pensão do marido e mais 10% para cada

filho, se for dependente. Era 100%. Ou seja, com a reforma da Previdência teremos surpresas desagradáveis e as pessoas não estão contando com isso, nem sabendo o que está acontecendo.

O custo imprevisto em assistência médica, a ausência de acomodações confortáveis e a falta de cuidadores são outros riscos para os idosos. Isso é uma coisa grave porque o cuidado com os idosos custa muito dinheiro. Casa de doentes, de idosos, tem que ter aqueles equipamentos para a pessoa se apoiar e, se preciso, se agarrar, porque idoso é que nem criança, não pode deixar cair. Quando minha mãe estava com 90 anos, falei com o geriatra dela. Ela não teve nenhuma dessas doenças mais graves da vida, mas ele alertou: nessa idade é preciso tomar cuidado com duas coisas, queda e pneumonia.

A ausência de acomodações e a perda da capacidade de viver de forma independente também

são riscos graves. A pessoa pode estar sujeita a abuso de parentes e de quem está trabalhando para ela.

Mais um risco: a morte do cônjuge ou outra mudança na situação conjugal. Se um casal for se separar, é melhor se separar agora, porque separar idoso é um negócio complicado. E há também a ocorrência de alguma necessidade financeira inesperada na família. Dizem que, se o filho se torna independente, não conte mais com ele, porque há os filhos que não cuidam dos pais, nem lhes dão apoio financeiro. E, por fim, há o risco dos maus conselhos, das fraudes e dos roubos.

Esses tópicos que eu citei são de um estudo da Sociedade de Atuários dos Estados Unidos. Ela faz orientações sobre como lidar com os riscos. Aponta, por exemplo, que a longevidade é um risco quando vai além dos recursos disponíveis. Há uma previsibilidade: sabe-se que as mulheres vivem mais que os homens, que o percentual de idosos na população vem crescendo e que a expectativa de vida por idade tem aumentado. Para quem tiver interesse, no Brasil o IBGE fornece dados da expectativa de sobrevivência por idade, de zero a oitenta. Basta consultar o site [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), clicar em População e depois em Tábuas Completas de Mortalidade.

A Sociedade de Atuários dos Estados Unidos orienta também sobre administração e proteção. Benefícios como o do nosso INSS são vitalícios e existem também para cônjuge e dependentes, mas estão sujeitos a riscos, como está acontecendo agora com a mudança na Previdência. Os da previdência privada devem ser examinados caso a caso. Eu não tive boa experiência com a previdência privada e liquidei um plano que eu tinha. Era um fundo que misturava renda fixa com renda variável e cobrava uma taxa de administração muito alta - e tem também uma taxa de carregamento. Quando você aplica o dinheiro eles costumam cobrar uma taxa.

Como você pode gerar renda? Uma dica é vender o imóvel próprio e comprar um menor e mais barato para obter mais recursos. Nos Estados Unidos são muito comuns aquelas casas grandes, que vemos nos filmes, nos subúrbios, mas muita gente depois vai para um apartamento ou para uma casa menor. Outra alternativa é mudar-se para uma cidade do interior com boa assistência médica pública. O custo de vida no interior é menor. Você está com uma dificuldade aqui, vai para uma cidade menor, onde há um bom hospital público.

Nos Estados Unidos também se pode comprar o que as seguradoras chamam de anuidades, um plano de renda fixa, ou somas adicionais que podem ser convertidas em pagamentos mensais. Há também as chamadas hipotecas invertidas. O proprietário de um imóvel continua vivendo lá, mas vende para um banco, que paga uma mensalidade por determinado prazo. Se o dono do imóvel morrer antes, o banco faz um acerto da diferença com a família, que não recebeu todo o dinheiro. Se morrer depois do prazo acertado, tem um seguro que cobre a diferença. Acho que é uma boa ideia.

E na cultura brasileira você só conta com herança. Eu moro em Higienópolis, onde há muitos idosos - tem mais cachorro que criança. Em dois prédios houve a situação de senhoras que receberam o apartamento do marido. O marido deixa como herança, por exemplo, um apartamento enorme, um por andar, mas depois morre e a esposa não tem condições de pagar o condomínio. Aí perguntamos por que não vende o imóvel. E ela responde: "Ah, meu filho não deixa". Quer dizer, a cultura aqui é deixar de herança e a coitada fica lá, passando necessidade.

Como é que minha mãe chegou aos 102? A pensão do INSS do meu pai era muito pequena - imaginem o INSS naquela época. O meu avô nem tinha INSS. Meu pai e minha mãe até mandavam dinheiro para sustentá-lo. Mas tinham muitos filhos. Meus avós maternos tiveram 13; meus avós



paternos tiveram uns 10. No interior de Minas eu ouvi, certa vez, uma senhora dizer uma coisa que demorei a entender - só entendi depois que virei economista. Ela falou assim: "Filho é ter dinheiro a juro". Não havia um sistema de proteção social. Ela fazia filho para contar com a ajuda deles na velhice, como aconteceu com meu pai e minha mãe. Hoje os casais têm dois filhos e nem sempre se pode contar com eles. O mais provável, hoje, é ter dois filhos e eles ficarem te pedindo dinheiro. Não conte muito com os filhos.

Minha mãe teve a cobertura de um plano de saúde de um irmão meu, professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Era uma grande ajuda, porque o plano permitia a ascendência - a mãe podia ser segurada no plano. Minha mãe não teve o problema da família que eu chamo de CACA -

cardiovascular, AVC, câncer e Alzheimer. Ela não teve nada. O médico falou: o que ela tinha que ter, não teve; vai morrer de velha. E não deu outra. Tinha só um problema de mobilidade e uma coisinha ou outra. Então, tínhamos para ela três cuidadoras, uma a cada oito horas, uma folguista e mais uma empregada doméstica. Era como uma microempresa, administrada por um irmão que é aposentado e teve que dominar um negócio chamado e-Social, um papelório que você tem que fazer para cada empregado. As despesas mensais chegaram a alcançar R\$ 12 mil por mês. Dos sete filhos, só três compareceram, eu e mais dois.

Eu corto o cabelo há muito tempo em um cabeleireiro lá de Higienópolis e como ele está lá há uns 30, 40 anos, conhece tudo o que rola no pedaço - o pessoal vai contando. São muitos os

casos. Por exemplo, o da filha única de uma senhora idosa, que a deixou em frente a uma casa de repouso dizendo que ia consertar um automóvel e voltaria logo em seguida. Deixou com a mãe duas malas, dizendo que não podia levá-las no carro porque talvez tivesse que deixar o veículo no mecânico. Não voltou mais para buscar a mãe, que foi acolhida na casa; as malas continham roupas e outros pertences da mãe. Crueldade, né? Mas tem coisas desse tipo. Depois de alguns dias, um funcionário foi ao endereço residencial da mãe e foi informado pelo porteiro de que a filha tinha avisado que estava na Alemanha. Depois descobriu-se que aquela senhora já estava um pouco senil e havia assinado um documento de transferência do seu patrimônio para a filha e o marido. Tragédia total.

Tem mais. No prédio onde morava uma senhora de 94 anos, um vizinho percebeu que ela era espancada pelo filho. Teve que chamar a polícia. Foi em Higienópolis. Outro caso: uma senhora de 90 anos que morava em São Paulo e foi deixada pela filha num apartamento pequeno em São Vicente. Não voltou para buscá-la. Foi acolhida por uma vizinha e contou que tinha um parente em Sorocaba, que a recolheu. Ela também assinou uns papéis e perdeu o patrimônio para um cunhado, depois que a irmã dela faleceu.

Outro caso: num prédio, uma senhora era mal cuidada pela sobrinha que, em caso de problemas, chamava o SUS. Pouco antes do falecimento dela, um funcionário do condomínio onde morava esteve no apartamento e viu que ela estava relegada a uma cama na área de serviço e carente de cuidados pessoais.

Este aqui é um caso que eu conheço, de Mogi das Cruzes: um casal de idosos teve cartões do banco usados pelo filho para sacar dinheiro. Além disso, o filho se separou da mulher, não pagou a pensão e os pais tiveram que assumi-la porque a

pena de pensão é ascendente, serve para os avós também. Notaram que em todos esses casos aqui as vítimas são mulheres? E por quê? Porque elas vivem mais do que os homens. Os maridos falecem e elas ficam desprotegidas. E isso aconteceria também caso fosse o contrário. Você fica sozinho e é muito mais fácil se meter nessas arapucas. Então, meninas, cuidado, porque ficando sozinhas vocês estão sujeitas a esse risco. A minha receita é pegar uma pessoa de confiança para checar o que está rolando. Não pode deixar com uma só pessoa, ainda que seja uma filha. Você tem que pegar outros filhos, uns parentes, e dizer: olha, fica de olho para o que vão fazer comigo.

Hoje, pelo menos, existem vários avanços tecnológicos para facilitar a vida dos idosos e de quem cuida deles. São fraldas descartáveis, lenços umedecidos, dispositivos eletrônicos com um botão de emergência, que o idoso pendura no pescoço, para chamar alguém, em caso de necessidade. Um sensor de queda - se você cai, ele apita ou faz uma ligação. Isso está sendo vendido por aí.

Bem, é isso o que tinha a dizer. Grato pela atenção e boa longevidade a todos.

**SÉRGIO RONDINO:** Professor Roberto, por tudo o que você colocou aí, vemos que o Brasil está diante de um problema social grave e precisa despertar para isso porque não há políticas públicas - raras são voltadas para os idosos. Eu vou passar agora a palavra para os nossos colaboradores. Mas antes, já iniciando os debates, eu tenho uma questão, porque você disse que parar de trabalhar faz mal, leva a doenças e tal. E a minha pergunta é simples: o lazer não resolve? E o tão decantado ócio, citado até em livro do sociólogo italiano Domenico di Masi? Porque o sonho geral aqui é: vou me aposentar, vou largar essa loucura, vou descansar. E aí vem você e diz o seguinte: se você parar, morre. Então, como fazer?



**ROBERTO MACEDO:** Eu não garanto que morre, eu digo que é mais provável que morra. E esse di Masi não explica direito a coisa dele, fala que o ócio é criativo. Mas o ócio pode ser intermitente. Está trabalhando, entra num período de férias, no fim de semana você fica no ócio, mas acho que não é um ócio permanente. Até porque o ócio permanente vai ser criativo, mas não vai servir para nada. Mas você mencionou a questão das políticas públicas e nós temos chamado a atenção dos candidatos a prefeito para o fato de que, no mundo, as cidades desenvolvem muitos programas para idosos. Aqui em São Paulo tem também, mas não são da magnitude e da qualidade necessária. E muita coisa pode ser feita. Eu li, recentemente, sobre o trabalho de um alemão que fez uma pesquisa sobre exercícios físicos e concluiu que o melhor é a dança, porque também dá estímulos intelectuais. Mais importante que ginástica, academia, que não é qualquer um que aguenta, é uma coisa maçante. E a dança é realmente estimulante.

**SÉRGIO RONDINO:** Manter a atividade, em resumo. Bem, vamos aos nossos colaboradores. Rubens Figueiredo, você quer falar primeiro?



**RUBENS FIGUEIREDO:** Quero dar um testemunho. Outro dia estava assistindo a uma palestra com uma pessoa de mais idade e ela falou: "Envelhecer é péssimo, mas a alternativa é horrível, é muito ruim". Eu tenho uma mãe de 88 anos, um menino de 10 anos e uma menina de sete. No mesmo dia, que era um sábado, tinha a exposição de arte da minha mãe, no centro de convivência que ela frequenta, e a exposição dos meus filhos. Mesmo dia, mesmo horário. E essa é uma situação absolutamente nova, porque como as pessoas estão vivendo mais, a ideia de os filhos terem, de alguma maneira, de cuidarem dos pais, como é o caso da minha mãe, é algo muito novo e que sociologicamente cria uns atritos familiares. Eu tenho uma irmã que acha que o cuidado deve ser de um jeito, e eu acho que, como no caso de Roberto, deve envolver cuidadora, folguista e tudo mais. No plano das políticas públicas, acho que uma saída interessante seria criar centros de convivência de idosos. Tem um caso em Jundiaí, que há 10 ou 12 anos implementou um equipamento público como esse, que é muito interessante, porque a convivência também é um dos fatores que aumentam a longevidade. Só para terminar, eu acho que a qualidade da longe-

vidade mudou. Quando você vai pegar o avião e vai embarcar, tem a fila preferencial para quem tem 80 anos ou mais. O idoso tem a preferência de embarque. No clube que eu frequento tem um campeonato de tênis para a categoria 85 anos ou mais. Então, no passado, há 20 ou 30 anos, uma pessoa com 65 ou 70 anos era considerada muito velha e hoje você tem esse tipo de qualidade na longevidade.

**SÉRGIO RONDINO:** Obrigado, Rubens. Eu vou passar agora a palavra ao doutor Batista.



**ANTÔNIO ROBERTO BATISTA:** Eu acho este assunto absolutamente fascinante, sob diversos ângulos: o aspecto médico, o do planejamento de saúde pública, da transição demográfica e da transição epidemiológica, uma influenciando a outra. É um fenômeno interessantíssimo de estudar, principalmente para mim, que de certa maneira assisti um pouco essa transição, no caso brasileiro. Quando eu era estudante, e mesmo recém-formado, não havia um plantão em que você não atendesse uma quantidade enorme de crianças profundamente desnutridas, por exemplo. Hoje você não vê isso, ou raramente vê, e antes isso

era normal. Então houve, realmente, uma transição muito grande. Esse fenômeno é interessante, traz uma série de coisas boas, muda certos índices clássicos da saúde pública, aquela pirâmide demográfica. Você levantou uma quantidade muito grande de temas e daria para se estender sobre cada um deles, numa longa discussão. Obviamente eu vou ter que evitar esse prazer em decorrência do tempo e citarei apenas algumas coisas.

Assisti certa vez a um debate na Universidade de Brasília, com luminares na área de saúde, de várias formações, e um dos médicos lá presente - especializado em rins, mas que mexia com gestão - disse que o que melhora o problema da saúde não é a medicina, é a economia e não sei o quê. E tinha lá um velhinho de bengala, já no fim da sua trajetória, que se levantou muito bravo e disse: "Olha, dizer isso é não conhecer a história sanitária brasileira". E começou a citar um monte de exemplos, do episódio da peste bubônica, da febre amarela. E na realidade são coisas que se nutrem entre si. A melhoria sanitária acompanha a melhoria econômica.

Agora, se olharmos para história da Humanidade, lá no passado remoto, o que causava grande mortalidade era, por exemplo, uma quebra de safra. Não havia logística para compensar isso de alguma maneira. Então era a fome, a peste, as doenças em grande escala. Recordo que a tomada de Ceuta pelos portugueses foi feita pouco tempo depois de uma peste que havia assolado a Europa e a península. Portugal, quando começaram as navegações, tinha 800 mil habitantes e, na tomada de Ceuta, quase um quarto da população foi embarcada no conflito. Imagine o risco de extinção que isso representava. Aí você melhora a alimentação, dá segurança alimentar, melhora o saneamento nas coisas mais básicas e os saltos são enormes. E aí a gente assiste aquele fenômeno de rendimentos decrescentes que os economistas conhecem tão bem, até chegar na



medicina moderna, em que há altíssimos custos para incrementar um pouquinho mais essa estatística de expectativa de vida, sempre com essa característica de que as mulheres são mais longevas. Olhamos a pirâmide e há muita viúva e pouco viúvo.

E há um fenômeno curioso. Quando o homem morre, a mulher continua a sua vida. Quando a mulher morre, geralmente o homem vai logo atrás. Quer dizer, nós não resistimos muito às intempéries do mundo sem as mulheres. É um fenômeno sociologicamente interessante do ponto de vista econômico, interessante como análise, interessante como planejamento. Você apontou uma porção de coisas que impactam o planejamento previdenciário, econômico.

Eu diria que, se a gente tivesse que fazer um julgamento moral da sociedade, deveria fixar os nossos olhos sobre os dois extremos da vida: como a sociedade trata as suas crianças e como a sociedade trata os seus idosos. Esses episódios de crueldade que você citou existem, lamentavelmente. Nos hospitais públicos existe um outro

problema que é a família que dá todos os dados informativos errados sobre o paciente de Alzheimer ou seja lá o que for; depois não volta mais e o hospital e o serviço social ficam com o paciente, sem saber o que fazer. A família sumiu, o endereço é falso, o telefone é falso e assim por diante.

Então, é um fenômeno sobre o qual nós precisamos meditar muito seriamente, nos mais variados campos de estudo. O indicador mais sofisticado que existe é o de anos de vida ajustado com a capacidade, que dá uma conotação de capital à capacidade de sobrevivência humana, fazendo uma análise de diferencial entre aquilo que uma sociedade realiza na prática, como curva de vida, e aquilo que seria a curva de vida empiricamente já constatada como possível, ou seja, a melhor curva de vida.

É a única forma de provar, na minha opinião, que colocar dinheiro em saúde é vantajoso do ponto de vista econômico, porque uma criança que morre de diarreia ou o sujeito que arranca todos os dentes e coloca uma dentadura é muito barato. Agora, todas as intercorrências que essa criança

terá ao longo da vida, até ter o seu AVC ou ter a sua incapacidade gerada pela velhice, tudo isso custa dinheiro, é caríssimo. Quando colocamos o elemento capital, estamos preservando o capital humano. Aí a conta fecha. Aí você consegue provar que é uma vantagem, é um investimento, que não é jogar dinheiro fora.

Eu teria uma quantidade enorme de coisas para comentar, mas a última, para encerrar, reforça aquela ideia de que o conceito de velho mudou muito. Vou fazer uma lembrança literária. Todos nós certamente lemos Machado de Assis, nosso maior escritor, e devem se lembrar do romance Esaú e Jacó. Um dos personagens que é sempre recorrente na obra de Machado de Assis é o Conselheiro Ayres. E ele entra no bonde para conversar com a mãe dos dois gêmeos e o texto diz assim: “Com uma agilidade que não se esperaria de um velho”. Ele tinha 50 e poucos anos, segundo deduzimos da leitura do livro - esta seria mais ou menos a idade do Conselheiro Ayres. Então, naquela época ele era considerado velho.

**ROBERTO MACEDO:** Sobre esta questão que você abordou, eu acho que a gente deve fazer uma distinção entre idoso e velho. Você pode ter um carro idoso, mas em boas condições; o velho é quando ele perde as características de mobilidade.

**SÉRGIO RONDINO:** Eu quero agradecer mais uma vez a presença da doutora Alda Marco Antonio, nossa coordenadora nacional do PSD Mulher. Ela é uma batalhadora do PSD e não perde um Encontro Democrático. Vamos à primeira pergunta.

**MARIA HELENA CALDAS:** O professor já disse tudo: é não parar. Eu me aposentei, continuei lecionando. Não pode parar. E outra coisa: é preciso ensinar os filhos a tirar o dedo do celular, do telefone. E ler e raciocinar.

**SÉRGIO RONDINO:** Eu quero registrar, com muita satisfação, a presença do deputado estadual Alex de Madureira, do PSD. E gostaria de uma palavrinha dele sobre o tema, por favor.



**ALEX DE MADUREIRA:** Vou ser muito rápido. É um tema muito pertinente para o Brasil. Somos um país que está envelhecendo. Eu ouvi algumas falas aqui e eu corroboro alguns pensamentos iguais. Principalmente cuidar dos mais novos, que estão vindo, e especialmente cuidar dos mais idosos, que estão terminando a carreira. E nós vemos que essa preocupação com os nossos idosos é muito importante. Afinal de contas, só estamos aqui porque alguém veio primeiro, derrubou as árvores e construiu a estrada para que caminhássemos por ela hoje. E todos nós vamos ficar idosos um dia. Então, se não cuidarmos hoje dos idosos, quem irá cuidar de nós depois? Que exemplo vamos deixar para os mais novos, para que cuidem



de nós também? Então, acho que é muito importante que nós, que estamos na meia-idade, deixemos exemplos. Esse é o meu pensamento, para que os mais novos possam se espelhar em nós e cuidar dos idosos que seremos. Eu estou com 43 anos e daqui a 40 anos vou ter 83. Alguém vai ter que cuidar de mim e eu espero que cuidem bem. Muito obrigado, professor. Quero agradecer ao nosso sempre ministro Gilberto Kassab pelo Espaço Democrático do PSD, que sempre está aberto para palestras que são essenciais para a democracia não só da nossa cidade de São Paulo, mas do nosso Estado, e do nosso País. Ontem mesmo falei com ele, estava no Piauí trabalhando pela democracia do nosso País. Quero agradecer também à Alda, que é sempre muito participante, ativa. Um abraço a todos, muito obrigado pela oportunidade.

**SÉRGIO RONDINO:** Eu tenho duas questões que vieram de internautas que estão acompanhando o evento pelo Facebook do Espaço Democrático. A primeira é do Hamilton Carvalho, que pergunta o seguinte: "A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) tem estudado alternativas de aposentadoria flexível. A pessoa chega a uma certa idade e passa a receber um valor pequeno, mas continua trabalhando. Será que não estamos vendo o conceito de aposentadoria morrer e testemunhando, no lugar, o surgimento de uma espécie de renda mínima do idoso?"

**ROBERTO MACEDO:** Olha, eu não sei bem como é esse esquema da OCDE, mas aqui no Brasil tem muita gente assim, que se aposenta - e nem mesmo com uma renda mínima - e continua



trabalhando. O meu caso é um desses. Agora, poderia acontecer, aqui no Brasil que fosse dado um estímulo para o idoso com alguma dificuldade de renda trabalhar, inclusive na parte de contratação. Parece que há algumas ideias ligadas à redução de encargos trabalhistas. Alguma coisa poderia ser feita. Agora, essas coisas de fazer comunidade para idoso tem um problema sério que é a chamada mobilidade, uma coisa muito séria para o idoso. Eu voltei a dar aula na USP só porque apareceu lá uma estação de metrô. Porque você ir para a USP de carro, de onde eu moro, é uma hora e tanto. Mas com o metrô é preciso ter cuidado. Eu tive problema com o metrô. Você desce na estação Butantã e pega um ônibus. E o ônibus não parou perto do meio fio, quando desci em frente à faculdade. Aí eu desci de uma forma meio ríspida e me deu uma distensão muscular que levei um

mês para me livrar dela. Sobre a questão da proximidade dos hospitais, em Higienópolis tem muita gente que é do Albert Einstein. E como é longe do Albert Einstein, fazer transporte em condições de emergência é complicado. Tanto que o Einstein está abrindo uns postos, centros de atendimento aqui mais no centro, porque chegar no Morumbi numa hora de rush é complicado.

**SÉRGIO RONDINO:** A segunda questão vem do Virgílio Carvalho, que é empresário do ramo do turismo. A pergunta é a seguinte: como você vê a longevidade a favor da cadeia produtiva do turismo, gerador de emprego e renda para o Brasil?

**ROBERTO MACEDO:** Olha, não conheço bem o caso aqui no Brasil, mas eu já trabalhei em Miami. E lá, por causa do clima, virou um pólo para ido-



...sos. Não é turismo, não. Os idosos mudam para Miami por causa do clima e das condições. Acho que algumas prefeituras, aqui no Brasil, deveriam preparar as cidades para acolher idosos, porque isso seria um atrativo. Eu tenho uma casa em São Sebastião. Fora de temporada, aquilo é uma paradeira geral. Os hotéis são baratos, se você quiser alugar alguma coisa pelo AirBnB também é muito barato, mas precisava criar a informação. E os prefeitos precisam procurar tornar as cidades

atrativas para os idosos. Porque o pessoal vai pra lá, tem dinheiro, vai morar lá, vai gastar lá. É uma indústria e deveria ser tratada dessa forma.

**SÉRGIO RONDINO:** Obrigado, professor. Estamos chegando ao final de mais um Encontro Democrático. Agradeço demais a todos pela presença e participação, e a você que nos acompanha pelo Facebook. Muito obrigado e até o próximo Encontro Democrático.



<p>Presidente <b>Alfredo Cotait Neto</b></p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política <b>Raimundo Colombo</b></p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais <b>Vilmar Rocha</b></p> <p>Secretária <b>Ivani Boscolo</b></p> <p>Diretor Superintendente <b>João Francisco Aprá</b></p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p>Presidente <b>Guilherme Afif Domingos</b></p> <p>Conselheiros <b>Alda Marco Antonio</b> <b>André de Paula</b> <b>Cláudio Lembo</b> <b>Georgiano Neto</b> <b>José Paulo Cairoli</b> <b>Otto Alencar</b> <b>Ricardo Patah</b></p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b></p> <p>Presidente <b>Gilberto Kassab</b></p> <p>Conselheiros <b>Belivaldo Chagas</b> <b>Carlos Massa Ratinho Junior</b> <b>Diego Andrade</b> <b>Domingos Aguiar Neto</b> <b>Guilherme Campos</b> <b>Letícia Boll Vargas</b> <b>Omar Aziz</b> <b>Robinson Faria</b> <b>Samuel Hanan</b></p>
---	--	--



[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)